

■ POLÍTICA

Eleição Presidencial

Indicação de Armínio acirra ânimos no PFL

Senador Jorge Bornhausen considera que o nome do presidente do BC é capaz de ganhar o consenso entre os partidos governistas

Ricardo Lessa e João Domingos
de São Paulo e Brasília

A congestionada lista de possíveis candidatos à corrida presidencial de 2002 tem, desde ontem, mais um nome para torná-la ainda mais avançada: o do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, apresentado em São Paulo, pelo presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen.

"Ele é bem preparado, salvou o Real num momento difícil, largou tudo nos Estados Unidos para vir para cá, é jovem, é um nome que representa o novo e pode conseguir consenso entre os partidos que compõem a base partidária do governo", raciocina o senador.

A reação de Armínio, que participava também em São Paulo da abertura de um novo mercado da Bolsa de Valores, foi de surpresa e incredulidade: "Pelo amor de Deus, não façam isso comigo", pediu. Entre os pefelistas em Brasília, a surpresa foi semelhante.

O presidente do PFL não parece, contudo, disposto a deixar Armínio fora do jogo sucessório. "Tasso (Jereissati) não é um nome de consenso, Malan também tem arestas, pelo longo tempo que ocupa o ministério, temos que pensar num nome novo, por que não discutir o do Armínio?", provoca Bornhausen.

A provocação tem endereço certo. É uma espécie de "fogo amigo", contra outro cardeal pefelista, o presidente do Congresso Antonio Carlos Magalhães que enfrenta em luta



Armínio Fraga

aberta o PMDB no Senado e apoiou o nome do governador cearense, como alternativa para a sucessão de Fernando Henrique Cardoso.

Bornhausen que estava em São Paulo acompanhado, não por acaso, do vice-presidente Marco Maciel, para a abertura do seminário "O Espaço da Lusofonia", aproveitou para abrir outras baterias contra o pefelista baiano. "O partido decidiu em convenção que teria candidato próprio, essa decisão só poderá ser mudada por outra convenção", lembrou o presidente do PFL, praticamente convidando o presidente do Congresso para medir forças dentro do partido.

"Nós temos ainda a governadora Roseana Sarney, que vem tendo até 13% das preferências dos eleitores para sucessão presidencial, nas pesquisas de opinião", lembrou Bornhausen, que citou ainda o vice-presidente

Marco Maciel, como nome a capaz de correr a campanha de 2002.

"Em 1994 havia três partidos que apoiaram o nome de Fernando Henrique, o PSDB, o PFL e o PTB, foi fácil chegar a um consenso na indicação; em 1998 havia um candidato natural à reeleição; hoje são cinco partidos na base governista e não há candidato natural", argumentou o senador.

O fortalecimento da pré-candidatura do tucano Tasso Jereissati à Presidência da República agradaria outra parte do PFL, porque, segundo a corrente pró-ACM, poderia ajudar a acabar com a maior crise já vivida pelo partido, desde que foi fundado, em 24 de janeiro de 1985, logo depois da eleição de Tancredo Neves e José Sarney para a Presidência da República, no Colégio Eleitoral.

Jereissati é tido como amigo do PFL, adversário da ala dos que tentam aproximar o PSDB do PMDB e talvez um dos poucos candidatos à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso capazes de manter a dobrinha que está no poder há seis anos e

que agora outros políticos tentam derubar. O presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), por exemplo, defende o apoio à candidatura do tucano José Serra, ministro da Saúde. Com isso, afastaria o PFL do governo, em caso de vitória.

Para o senador José Jorge (PE), vice-presidente nacional do PFL, Jereissati pode ser uma arma eficaz para acabar com a aliança entre o PSDB e o PMDB, afastando assim a possibilidade de eleição de Jader Barbalho a presidente do Senado (PA) e de Aécio Neves (MG) a presidente da Câmara. Jereissati é adversário do líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado (CE), o principal articulador do acordo com o PMDB.

Acostumado a conviver com o poder — do qual só se afastou em 1989, depois do rompimento do hoje vice-presidente Marco Maciel com o PMDB do então presidente José Sarney e no governo de Itamar Franco —, o PFL vê-se agora obrigado a ameaçar sair do governo caso Inocêncio Oliveira não seja eleito presidente da Câmara. Mas, enfraquecido, tem



Jorge Bornhausen

menos oportunidades de fazer valer a ameaça. Por isso, a aproximação com Jereissati é considerada estratégica, para o grupo pró-ACM.

Além do mais, os dirigentes do PFL sabem que Inocêncio tem chances de se eleger, apesar da força da aliança PSDB-PMDB, porque goza de enorme prestígio entre os deputados. Mas os problemas internos do partido acabaram levando Inocêncio Oliveira a ter de se dedicar à sua can-

didatura praticamente sozinho.

E, mesmo comemorando o fato de ter se unido até agora em torno do senador Antonio Carlos Magalhães, o PFL continua correndo riscos de ver sua crise aumentar. As movimentações de Jorge Bornhausen seriam uma espécie de ação anti-Antonio Carlos, na opinião de senadores que defendem o presidente do Senado.

Eles se lembram que foi por insistência do grupo de Bornhausen que a Executiva Nacional do partido reafirmou a decisão de uma convenção nacional, de um ano e meio atrás, de lançar candidato a presidente da República. O ato deu-se justamente no momento em que Antonio Carlos mais trabalha pela candidatura de Jereissati.

No controle da máquina partidária do PFL, o catarinense Bornhausen não pretende se deixar atropelar pelos outros caciques do partido e manobra com a discreta ajuda do vice-presidente, que se entende bem como o Ministro da Saúde, José Serra, para se contrapor ao poder do presidente do Senado.